

Gênero, genérico, trans: a natureza da linguagem através de seu terceiro termo disruptor: *Transgenre*, de Aaron Hammes (resenha)

Genre, generic, trans: the nature of language through its third disrupting term: Transgenre, by Aaron Hammes

Género, genérico, trans: la naturaleza del lenguaje a través de su tercer término disruptor: Transgenre, por Aaron Hammes

Vitor Claret Batalhone Júnior^{1*}  

Citação: BATALHONE JÚNIOR, V. C.. (2025). Gênero, genérico, trans: a natureza da linguagem através de seu terceiro termo disruptor: *Transgenre*, de Aaron Hammes (resenha). *InterteXto*, 18, 01-05. <https://doi.org/10.18554/it.v18i00.8778>

1. Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, Brasil.

*Autor correspondente:

vitor.junior@educacao.mg.gov.br

Editor: Juliana Bertucci Barbosa

Recebido: 23 out. 2025

Aceito: 27 dez. 2025

Publicado: 30 dez. 2025



Texto sobre copyright.



Revisão, formatação e diagramação
CNPJ: 33.333/0001-33

Resumo: Esta resenha visa discutir e apresentar o livro *TransGenre*, escrito por Aaron Hammes, da Case Western Reserve University. A obra se propõe a pensar gênero literário em relação a gênero social. A rubrica-fenômeno trans guia a reflexão através de seus limites, potencialidades, agências (“atos de fala”) e interdições. O conceito de gênero menor de literatura também é questionado e pensado a partir de seus méritos e relações limítrofes, os quais permitem a reconstrução e o questionamento das conformações discursivas que afetam as subjetividades e agências individuais e sociais. Apesar do aspecto de disputa no qual se situam, as literaturas menores não são necessariamente emergentes ou visam se consolidar em relação aos padrões adjacentes previamente consagrados. Não está em questão ser inscrito ou reconfigurar a tradição, mas antes, lidar com e instrumentalizar as políticas e epistemologias que simultaneamente oprimem e empoderam sujeitos e discursos. O gênero menor e sua correspondente literatura podem ativar o transgênero, alterar as tessituras discursivas e reconformar enunciados, discursos e subjetividades. Reformar e transgredir fazem parte dos fenômenos transgêneros que deslocam e reposicionam as radicais políticas de determinação e auto-determinação.

Palavras-chave: Gênero. Literatura. Feminismo. Linguagem. Cultura.

Abstract: his review discusses and presents the book *TransGenre*, written by Aaron Hammes, from Case Western Reserve University. The work proposes to consider literary genre in relation to social gender. The transgenre phenomenon-label guides the reflection through its limits, potentialities, agencies (“speech acts”), and prohibitions. The concept of a minor literary genre is also questioned and considered based on its merits and borderline relationships, which allow for the reconstruction and questioning of the discursive conformations that affect individual and social subjectivities and agencies. Despite the contested aspect in which they are

situated, minor literatures are not necessarily emergent or aim to consolidate themselves in relation to adjacent standards previously consecrated. The point is not to be inscribed in or to reconfigure tradition, but rather to address and instrumentalize the politics and the epistemologies that simultaneously oppress and empower subjects and discourses. Minor genre and their corresponding literature can activate transgenre(gender), altering discursive structures, and re-conforming statements, discourses, and subjectivities. Reforming and transgressing are part of the transgenre phenomena that displace and reallocate the radical politics of determination and self-determination.

Keywords: Genre. Literature;.Feminism. Language. Culture.

Resumen: Esta reseña analiza y presenta el libro TransGenre, escrito por Aaron Hammes, de la Case Western Reserve University. El trabajo propone considerar el género literario en relación con el género social. El fenómeno-rúbrica del transgénero guía la reflexión a través de sus límites, potencialidades, agencias ("actos de habla") y prohibiciones. El concepto de género literario menor también se cuestiona y se considera con base en sus méritos y relaciones limítrofes, que permiten la reconstrucción y el cuestionamiento de las conformaciones discursivas que afectan las subjetividades y agencias individuales y sociales. A pesar del aspecto controvertido en el que se sitúan, las literaturas menores no son necesariamente emergentes ni buscan consolidarse en relación con estándares adyacentes ya consagrados. El objetivo no es inscribirse en la tradición ni reconfigurarla, sino abordar e instrumentalizar las políticas y epistemologías que simultáneamente oprimen y empoderan a sujetos y discursos. Los géneros menores y su literatura correspondiente pueden activar el transgénero, alterar las estructuras discursivas y reconfigurar enunciados, discursos y subjetividades. Reformar y transgredir son parte de los fenómenos transgénero que desplazan y reposicionan las políticas radicales de determinación y autodeterminación.

Palabras clave: Género. Literatura. Feminismo. Lenguaje. Cultura.

1. Referência da obra resenhada:

HAMMES, Aaron. **TransGenre**. Elements in Feminism and Contemporary Critical Theory. Cambridge: Cambridge University Press, 2025. 80 p.

2. Resenha

A literatura “menor” não é aquela dotada de ausência de qualidades ou específica por representar uma espécie comum de singularidades inter-relacionadas, mas antes, aquela que nas e através das relações de oposição, diferença, similaridade, identidade e contradição constituintes das relações lógicas e discursivas fundamentais da realidade e da interação humana com o mundo, possibilitam irrupções revolucionárias na ordem do discurso. O signo para Ferdinand de Saussure (2011), assim como o enunciado para Michel Foucault (2002), apenas existe nas e através suas relações linguísticas de oposição e diferença fundamentais. O signo é formado pelas relações

triádicas e tripartites entre significado, significante e o próprio signo, ou seja, o signo, unidade mínima da estrutura da linguagem, do qual derivam-se palavras, sentenças, enunciados e formações discursivas, apenas é uno em sua multiplicidade, divisão e complexidade. O signo se desdobra lógico-modularmente em ícone, mas é iconoclasta por natureza. A revolução do signo é não ser único, mas uno em muitos.

Desta forma, “a vida real desafia o gênero, mas como nós o entendemos é também estruturado pelo gênero” (HAMMES, 2025, p. 1), de forma que a legibilidade de todo e qualquer gênero literário é apenas possível em relação à consagração de um “menor” que se torna ou não padrão de leitura, mas cujas relações de interface linguística atravessam também, toda e qualquer literatura, consagrada, transgressora ou “menor” enquanto forma de se limitar tudo aquilo que é possível enunciar através de padrões literários pré-definidos ou em evolução. Porém, *genre*, *gender*, gênero e gênero não são necessariamente identificáveis. Em língua inglesa, o literário não é escrito da mesma forma que o bio-sociocultural. Em português a grafia é a mesma.

Assim também o é o gênero enquanto conformação sociocultural das relações derivadas da lógica binária dos sexos biológicos. O espectro do qual se derivam os binarismos sexo-gênero e feminino-masculino obedecem às mesmas regras de conformação triádica dos signos e se desdobram através da linguagem e da cultura. Por isso Hammes enuncia que “o gênero é uma oportunidade para a trans interlocução do discurso feminista”, pois o “transfeminismo é em si mesmo um gênero que não é simplesmente expandido para incluir sujeitos trans e suas narrativas” (2025, p. 1-2), mas antes, para deslocar as coordenadas de enunciação dos discursos tradicionais e possibilitar aberturas de subjetivação, enunciação e usufruto de poder, através da unificação de si, das relações discursivas e sociais, ao se tornar também, simultaneamente disrupto e uno por relações de oposição e diferença. Recursos e usos alternativos, transgressores e revolucionários dos gêneros literários atravessam a normalidade para deslocar, sendo “menores” apenas devido à totalidade das relações linguísticas e socioculturais que as lhes contrapõem.

TransGenre busca contornar e permitir desabrochar vários elementos do gênero, pensando com as capacidades da ficção transgênero anglo-fônica Norte Americana contemporânea, para manobrar através, com, e contra convenções genéricas e restritas. Nesta introdução, eu tento refletir o espírito da literatura trans menor oferecendo algumas não terminadas, às vezes aporéticas meditações sobre alguns dos conceitos chaves que se seguem. Esta inspiração inicial é destinada a sugerir uma prática menor de leitura que *TransGenre* procede a decretar aos quatro cantos antes de concluir com um senso do que isso significa e do que isso poderia significar para se ler gêneros menores transgenericamente (HAMMES, 2025, p. 2).

Além de um enunciado em língua estrangeira em uma citação direta recuada à margem, *TransGenre* é também o livro e o título do livro de Aaron Hammes, cujo subtítulo *Elements in Feminism and Contemporary Critical Theory*, é também o nome da coleção na qual está a obra resenhada está inserida. Publicado pela Cambridge University Press no ano de 2025, e seriamente fundamentado sobre as teorias de Félix Guattari e Gilles Deleuze, assim como sobre a obra de Jacques Derrida, a filosofia e a epistemologia feministas radicais, *TransGenre* é constituído de um texto introdutório também intitulado *TransGenre*, e mais cinco capítulos, a saber, *The Road Novel* (“O Romance de Estrada”), *The Mourning Novel* (“O Romance de Luto”), *The (Chosen) Family Novel* (“O Romance da Família (Escolhida)”), *The Archival Novel* (“O Romance de Arquivo”) e *TransGeneric* (“TransGenérico”). Ao longo destes seis capítulos, Hammes busca refletir sobre a estética trans, seus preceitos, formas, táticas e gestos, que possibilitam o deslocamento e o novo arranjo das formações discursivas conformadas sob os gêneros literários tradicionais. Tradicionais historicamente apenas aos finais, gêneros maiores se tornam maiores.

O padrão e a norma transformados em tradição asfixiam os espaços de liberdade nos quais “menores” podem se tornar “maiores”, e em relação aos quais, amiúde, a difícil ou impossível legibilidade dos registros culturais e literários consagrados acabam por possibilitar a identificação de sujeito e discurso, transformando um caminho e/ou uma relação atravessados, em *locus* da subjetivação e do empoderamento. Samus é uma heroína mascarada por seu capacete, que descobrimos ser mulher e feminino apenas ao final do jogo ao salvar o enredo previamente determinado. Samo é um artista nova-iorquino de origem haitiana que ficou famoso grafitando as paredes e as ruas de New York. Os gêneros menores servem constantemente à contestação do padrão, assim como as minorias servem à contestação das majorias. A representação das comunidades, suas diversidades, subjetividades, identidades, desejos, agências e poderes é o que está em jogo quando disputamos as narrativas dos gêneros literários e discursivos.

Assim, mais do que nunca, *TransGenre* se desvela leitura necessária a todos aqueles interessados pela vida contemporânea e pelos estudos formais ou não formais dos objetos do conhecimento relacionados sob a grande rubrica das Ciências Humanas ou Humanidades. Suas páginas transbordam referências aos mais variados matizes de teorias e teóricos da literatura, rangendo do criticismo formalista de Northrop Frye, da crítica literária de conformação histórico-cultural de Fredric Jameson, às concepções mais dinâmicas e relacionais de Carolyn R. Miller. Relações cruzadas de teorias e métodos, relações conflitantes entre gêneros, leituras e agências. “A

maior função da linguagem e do gênero menores pode ser tão radical quanto a desterritorialização da forma e do conteúdo” (HAMMES, 2025, p. 11).

Os romances sob consideração aqui não são literatura trans menor simplesmente devido à posição subjetiva de seus escritores ou personagens, e suas comunidades (ambos inter- e intra-textual) não são simplesmente grupos de afinidade minorizados, mas formações extrapolando das relações estruturais majoritárias (casais amorosos, família, trabalho) para usos minoritários (HAMMES, 2025, p. 6).

Para qualquer gênero ou objeto do discurso, há sempre uma ou algumas versões dos mesmos sobre os quais lemos, falamos e/ou pensamos “como se”, “contra” e/ou “através” de suas versões prévia e historicamente codificadas nas e pelas conformações discursivas (HAMMES, 2025, p.6). Suas legibilidades estruturais e culturais são sempre eventos através dos quais podemos repensar, alterar e construir suas novas versões e as histórias minoritárias que sobre elas contamos. Quando a norma de um gênero é atualizada na prática literária, nos limites das relações possíveis entre formas e conteúdos, o gênero social pode também ser pensado nos limites possíveis de suas relações entre formas e conteúdos, momentos e espaços nos quais novas e antigas performances são possíveis de serem, conseqüentemente, pensadas e experimentadas conforme padrões sócio-históricos e/ou atualizações da liberdade humana.

Referências

- FOUCAULT, Michel. **Archaeology of Knowledge**. London; New York: Routledge Classics, 2002.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Course in general linguistics**. New York: Columbia University Press, 2011.